



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.41.112.A007>

## **Percepção parental sobre os impactos emocionais da pandemia na infância**

*Parental perceptions of the impacts of the pandemic in childhood*

---

Pâmela Schultz Danzmann  
Universidade Franciscana  
<https://orcid.org/0000-0002-1438-4856>  
[pamelapsicologia10@gmail.com](mailto:pamelapsicologia10@gmail.com)

Liliane Tomazi Vestena  
Universidade Franciscana  
<https://orcid.org/0000-0001-5731-3073>

Janaina Pereira Pretto Carlesso  
Universidade Franciscana  
<https://orcid.org/0000-0001-8488-1906>

Maristela Jaqueline Reis Peixoto  
Universidade Franciscana  
<https://orcid.org/0000-0002-5168-3038>

### Resumo

Diante do cenário da pandemia, pais, educadores e profissionais da saúde, preocuparam-se com o impacto do distanciamento social no desenvolvimento infantil. Nesse estudo, objetiva-se analisar como os pais percebem os impactos emocionais relacionados à mudança de rotina infantil nos contextos educacionais, sociais, entre outros, durante o período de distanciamento social. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de caráter qualitativo. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 17 mães e um pai de crianças com idades de 6 a 9 anos. As entrevistas foram transcritas e submetidas a análise de conteúdo emergindo sete categorias. Dessas, a categoria impactos emocionais será discutida no estudo. Os resultados do estudo apontaram que as principais manifestações emocionais são o medo de contaminação do vírus, a raiva de não poder sair e socializar com os pares e a tristeza de estar distante dos colegas de aula, dos avós e da escola. Conclui-se que, embora no momento atual exista flexibilidade das atividades sociais e a retomada da modalidade presencial de ensino, os pais percebem sintomas emocionais significativos em função do período de distanciamento social.

**Palavras-chave:** Covid 19, Filhos, Impacto, Pais, Pandemia.

### Abstract

*Given the pandemic scenario, mothers and/or fathers, educators and health professionals have been concerned about the impact of social distance on child development. The objective is to analyze how mothers and/or fathers perceive the emotional impacts related to the change of children's routine in educational and social contexts, among others, during the period of social distance. This is a descriptive, exploratory, qualitative study. Semi-structured interviews were conducted with 17 mothers and one father of children aged 6 to 9 years old. The interviews were transcribed and submitted to content analysis, and seven categories emerged. Of these, one category will be discussed in the study. The results of the study pointed out that the main emotional manifestations are the fear of contamination by the virus, the anger of not being able to go out and socialize with peers, and the sadness of being away from classmates, grandparents, and school. It is concluded that although at the present time there is flexibility of social activities and the resumption of face-to-face teaching, parents perceive significant emotional impacts due to the period of social distance.*

**Keywords:** Covid 19, Children, Impact, Parents, Pandemic.

### Resumen

*Ante el escenario de la pandemia, las madres y/o padres, los educadores y los profesionales de la salud estaban preocupados por el impacto de la distancia social en el desarrollo de los niños. El objetivo de este estudio fue analizar cómo las madres y/o los padres perciben los impactos emocionales relacionados con el cambio de rutina de los niños en los contextos educativos y sociales, entre otros, durante el período de distanciamiento social. Se trata de un estudio descriptivo y exploratorio, de carácter cualitativo. Se realizaron entrevistas semiestructuradas a 17 madres y un padre de niños de entre 6 y 9 años. Las entrevistas se transcribieron y se sometieron a un análisis de contenido del que surgieron siete categorías. De ellos, una categoría se analizará en el estudio. Los resultados del estudio señalan que las principales manifestaciones emocionales son el miedo a la contaminación por el virus, el enfado por no poder salir y socializar con los compañeros y la tristeza por estar lejos de los compañeros, los abuelos y la escuela. Concluimos que, aunque en el momento actual se flexibilicen las actividades sociales y se retome la modalidad de enseñanza presencial, los padres perciben impactos emocionales significativos debido al periodo de distanciamiento social.*

**Palabras clave:** Covid 19, Niños, Impacto, Padres, Pandemia.

## Introdução

As pandemias e epidemias marcam a história da humanidade e desencadeiam estresse e insegurança na sociedade. Esse tipo de crise sanitária ocorria antes do advento da psicologia e psiquiatria no mundo. Até mesmo as estratégias utilizadas para o enfrentamento e disseminação do vírus (*SARS-CoV-2*) são as mesmas de outras épocas, como o distanciamento social, quarentena e isolamento (Filho, Minayo & Huremović, 2020). O que diferencia é que de forma reativa ao contexto da pandemia, surgiu a corrida mundial para o desenvolvimento de vacinas, com o intuito da promoção de saúde e maximização de poderes políticos (Senhoras, 2021).

Nesse cenário de incertezas, da pandemia da COVID 19, diversas famílias no Brasil e no mundo tiveram que se adaptar às novas rotinas e buscar formas de enfrentar esse período. No ano de 2020, as escolas fecharam, algumas famílias tiveram que adotar e se adaptar ao modelo de trabalho *home-office*, além de se privarem da presença de familiares idosos. Ainda no ano de 2020 e 2021, devido ao início da vacinação, algumas escolas avaliaram a possibilidade de volta às aulas presenciais, seguindo todos os protocolos de prevenção e disseminação do coronavírus (Almeida, Luz, Jung, & Fossati, 2021). Posto isso, é necessário considerar a repercussão na vida pessoal, familiar e social diante de tantas mudanças, principalmente das crianças, que são uma parcela vulnerável e podem sofrer com violência doméstica, maus-tratos, sobrecarga, baixo desempenho escolar e perda de vínculos (Malloy-Diniz et al., 2021).

Existem estudos que indicam manifestações cognitivas e comportamentais nas crianças no período da pandemia como redução de atividades físicas e consequente sedentarismo, mudanças na alimentação, redução do convívio social, dificuldade para dormir (Cevallos-Robalino, Reyes-Morales & Rubio-Neira, 2021), maior apego aos pais, redução do desempenho acadêmico, regressão de comportamentos, aumento do uso de telas, falta de concentração e dificuldades de planejamento (Peixoto et al., 2021; Wang, Zhang, Zhao, Zhang, & Jiang, 2020). Além disso, são percebidas manifestações emocionais como estresse, solidão, depressão, medo de contaminação, medo da morte, irritabilidade, agressividade, baixa motivação e angústia de não poder se aproximar ou

tocar nas pessoas que gostam (Malloy-Diniz et al., 2021; Rodrigues & Lins, 2020; Wang et al., 2020).

Diante desse cenário, pais, educadores e profissionais da saúde, preocupam-se com as limitações na interação social, sedentarismo, falta de interesse pelas atividades escolares remotas ou até pelo desinteresse pela volta às aulas presenciais. Ainda, o aumento da carga de trabalho dos pais nos últimos meses pode dificultar o apoio e orientação aos filhos (Peixoto et al., 2021; Rodrigues & Lins, 2020).

Estão sendo realizadas pesquisas com a finalidade de compreender as manifestações emocionais infantis na percepção parental em tempos de pandemia. Na Espanha, foi reportado que o relacionamento entre pais e filhos piorou, justamente pela sobrecarga de trabalho, o baixo interesse pelas atividades escolares das crianças e a falta de tempo para atividades prazerosas em família que resultava em tristeza nas crianças (Ezpeleta, Navarro, Nosa, Trepel, & Penelo, 2021). Na China, o medo de infecção, frustração, tédio, informações inadequadas, falta de contato pessoal, falta de privacidade e perda financeira são os principais efeitos negativos que impactam a infância em tempos de pandemia (Wang et al., 2020).

### **Objetivos**

A temática é relativamente nova para a Psicologia, isso significa que existem poucos estudos de campo no Brasil, a curto e longo prazo, que relatam manifestações emocionais na infância frente ao contexto pandêmico da COVID-19. Esse estudo torna-se importante pois é necessário compreender as manifestações emocionais da criança a fim de minimizar e/ou prevenir impactos futuros na saúde mental infantil. A questão norteadora do estudo é “Quais as principais manifestações emocionais que os pais perceberam no(a) filho(a) durante a pandemia?”. Assim, o objetivo da presente pesquisa, foi analisar como os pais percebem os problemas emocionais relacionados à mudança de rotina infantil nos contextos educacionais, sociais, entre outros, durante o período de distanciamento social.

## Método

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório que visa compreender mais sobre uma população, fenômeno ou uma experiência (Gil, 1999), seu caráter é qualitativo. Os critérios de inclusão dos participantes foram: ser pai e/ou mãe que resida em uma cidade da região central do Rio Grande do Sul, ter um ou mais filhos com idades de 6 a 9 anos e matriculados em escolas públicas ou privadas. Os critérios de exclusão foram: outros integrantes da família que não residam com a criança ou que não moram na cidade onde a pesquisa foi realizada. Os pais selecionados foram elegidos por critérios de escolha não probabilística por conveniência, onde como explica Gil (2002), o pesquisador escolhe dados que representam o universo estudado, não havendo exigência de níveis elevados de precisão. Em relação ao número de participantes foi considerado o critério de saturação, que, segundo Ribeiro, De Souza e Lobão (2018), tal critério é estabelecido à medida que observa-se redundância no material obtido, inviabilizando a continuidade de novas informações.

As pesquisadoras entrevistaram pais de crianças por meio de entrevista semi estruturada, onde o entrevistador obtém informações do(a) entrevistado(a) em torno da temática principal (Haguette, 2013). As entrevistas foram realizadas de maneira híbrida (presencial ou *online*) de acordo com a preferência do participante. As entrevistas presenciais foram realizadas nas dependências da Universidade, em uma sala reservada e *online* por meio da plataforma *Google Meet*. Algumas das questões desenvolvidas pelas pesquisadoras foram: Houve manifestações emocionais percebidas por você no seu(ua) filho(a) durante o período de pandemia? Quais? Vocês e seu(ua) filho(a) enfrentaram dificuldades na pandemia. Quais foram? Como que seu(ua) filho(a) soube da pandemia? De que forma você abordou esse assunto? Que sentimentos essa notícia gerou?

O tempo médio de realização e gravação das entrevistas foi de trinta minutos. Adotou-se como recorte temporal para as respostas fornecidas pelos pais durante a entrevista, de março de 2020 a março de 2021. Justifica-se a adoção do recorte por ser um período crítico em relação ao distanciamento social.

A pesquisa não ofereceu custos ou pagamentos para os pais que participarem do estudo. Além disso, seguiu os preceitos éticos da Resolução 466-2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que conduzem sua realização. Para minimizar os riscos em relação ao sigilo/anonimato, cada participante foi identificado por meio de um código

numérico (Mãe 1= M1, Pai 1= P1, Filho 1= F1...). Após o uso, os documentos gerados a partir das entrevistas foram devidamente guardados e lacrados na instituição de pesquisa, sob responsabilidade da pesquisadora responsável. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição sob número de parecer 1.161.790.

Os dados qualitativos da pesquisa, obtidos a partir do recorte da entrevista foram analisados com base na técnica de Bardin (2011) denominada Análise de Conteúdo que consiste em três etapas: (1) Pré-análise, faz-se uma leitura flutuante do material (entrevista), escolhe-se documentos, formula-se objetivos e hipótese; (2) Exploração do material, onde realiza-se a codificação, enumeração e categorização dos resultados e (3) Tratamento dos resultados que interpreta-se dados por meio de inferência. A partir disso, foram definidas, na sequência, categorias e subcategorias. O percurso metodológico resultou em sete categorias (impactos emocionais, impactos comportamentais, impactos cognitivos, rede de apoio, principais dificuldades na pandemia, mudanças significativas, como os pais explicaram a pandemia aos filhos) e uma subcategoria (regressão comportamental). Nesse estudo, será apresentada e discutida a categoria “impactos emocionais”. A categorização e o recorte das entrevistas foram realizados pelas autoras e passaram pelo crivo de duas juízas independentes com formação em psicologia, que analisaram o documento separadamente, e fizeram sua classificação. Em seguida, após a análise dos trechos das entrevistas, observou-se pontuações iguais e diferentes entre as pesquisadoras, e por meio de regra de três chegou-se a um nível de concordância de 90,4% entre elas.

### **Resultados e Discussão**

Nos resultados e discussão serão apresentados os dados sociodemográficos das crianças e dos pais coletados nas entrevistas e os principais impactos emocionais na percepção parental durante o primeiro ano de pandemia. Posto isso, foram entrevistadas 17 mães e 1 pai de crianças com 6 a 9 anos de idade. Essas famílias possuíam diferentes níveis socioeconômicos, profissões e escolaridade. As crianças estudavam em escolas públicas ou privadas. Além disso, observou-se que boa parte das crianças estava em atendimento psicológico. Sendo que outra parte já havia passado por um profissional da

psicologia até mesmo antes da pandemia. As características sociodemográficas relacionadas aos pais e aos filhos estão descritas na tabela 1.

**Tabela 1**

*Características sociodemográficas dos pais e do(a) filho(a)*

<b>Variável (Pais)</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
Estado civil	Casado(a)	6	26,1
	Separado(a)	11	47,8
	Viúvo(a)	5	21,7
Rede de apoio	Possuiu durante a pandemia	7	30,4
	Não possuiu durante a pandemia	11	47,8
Escolaridade pai e/ou mãe	Ensino Médio Completo	3	16,6
	Ensino Superior Incompleto	4	22,2
	Ensino Superior Completo e Pós Graduação	11	61,1
<b>Variável (Filhos)</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
Idade	6 anos	5	27,7
	7 anos	2	11,1
	8 anos	5	27,7
	9 anos	6	33,3
Escola	Pública	7	30,4
	Privada	11	47,8
Gênero	Feminino	12	52,2
	Masculino	6	26,1
Psicólogo	A criança nunca foi ao(à) Psicólogo(a)	4	22,2
	A criança vai ao(à) Psicólogo(a)	14	77,7

Pode-se perceber na entrevista que as crianças que estudavam em escola pública (30,4%), tiveram mais dificuldades cognitivas (atenção, memória, raciocínio) comparadas às crianças que estudavam nas escolas privadas (47,8%). Principalmente naqueles casos que as crianças apresentavam dificuldades de aprendizado no período que antecede a pandemia. Boa parte das crianças com idade de 6 anos, até o período de isolamento conviviam com seus pares quase que diariamente. Além disso, a maioria não possui irmãos (64,7%). Ou seja, foram privadas das relações sociais, sendo que no período dos (0-6 anos) o cérebro precisa de muito estímulo e sugere-se que isso pode impactar no comportamento (Malloy-Diniz, 2020). Destaca-se ainda, que neste período de maturação cerebral as relações afetivas e sociais são fundamentais para o neurodesenvolvimento (Villachan-Lyra, Queiroz, & Moura, 2019).

Além disso, as famílias que eram acompanhadas por psicólogos ou iniciaram os atendimentos psicológicos dos filhos na pandemia tiveram melhores habilidades de enfrentamento nas manifestações emocionais (77,7%) (principalmente a regulação emocional, com auxílio do psicólogo) em relação aquelas famílias que não eram assistidas pelos profissionais da psicologia (22,2%). Alguns pais, no que antecede a pandemia, tinham dificuldades no manejo das emoções por isso procuraram por profissionais da psicologia. Na pandemia, tais dificuldades se intensificaram. Alguns pais iniciaram o processo de psicoterapia dos filhos nesse período e mantêm até hoje. No que se refere ao gênero, tanto os meninos quanto as meninas (100%) manifestaram dificuldades emocionais (dificuldade de controle da raiva, medo excessivo, tristeza intensa por não sair de casa). O que difere é que os meninos tendiam a ser mais agressivos e demonstrar a raiva (emoções externalizantes) e as meninas ficavam mais retraídas e tristes (emoções internalizantes).

De igual forma, os pais que tiveram rede de apoio (avós, tios das crianças, outros) (30,4%) relataram menos problemas relacionados a manifestações emocionais (47,8%). Principalmente aquelas famílias que residiam com esses familiares. No que se refere ao estado civil, identificou-se que os pais separados e/ou viúvos (69,5%), possuíam mais dificuldades em enfrentar as questões emocionais dos filhos comparados com pais casados (26,1%). Nos casos de separação ou viuvez, por vezes, os pais relataram que as crianças sentiam falta do pai ou da mãe principalmente nos primeiros meses da pandemia. Por fim, referente a escolaridade do pai/mãe, percebeu-se que aqueles que possuíam Ensino Médio Completo (16,6%) tiveram mais dificuldades nas manifestações emocionais dos filhos que aquele pai e/ou mãe que possuíam Ensino Superior Incompleto, Completo ou Pós graduação (83,7%). Deduz-se por meio das entrevistas que os pais com um nível maior de escolaridade fazem mais leituras e se interessam por temas relacionados à parentalidade. Isso pode estar relacionado também ao fator econômico.

### **Manifestações emocionais**

A pesquisa identificou que os principais sentimentos das crianças, na percepção dos pais frente às limitações da pandemia foram: medo (77,7%), tristeza (55,5%), ansiedade (44,4%), saudade (44,4%), preocupação (33,3), raiva (27,7%), agitação (27,7%), apreensão (11,1%), inquietação, (11,1%) e euforia (5,5%). Destaca-se que



alguns pais relataram mais de um sentimento do(a) filho(a) em relação ao recorte temporal adotado.

As manifestações emocionais mais recorrentes nas crianças, na percepção parental, foram o medo, e relacionado a esse sentimento, a preocupação, a apreensão e a inquietação diante das mudanças impostas como medidas protetivas durante o primeiro ano de pandemia. Devido a um contexto pouco conhecido tanto para os pais quanto para os filhos, as crianças temiam que elas e seus familiares contraíssem a doença. Isso pode ser observado em alguns trechos das falas abaixo: *“Então ele trabalhou a frente do COVID nesse primeiro ano, então ela tinha muito medo da contaminação pelo pai, pelo pai estar contaminado.. ahmm e mais próximo a uma possibilidade do retorno (M15).”*

*Ela ficou meio assim apavorada, preocupada, quase em pânico desde o início, naquele início ali de ficar em casa, ela começou a ficar muito assustada, não saía no portão da casa. Nós íamos ao supermercado e ela dizia .. vocês tão louco para pegar COVID, ela mudou totalmente a personalidade dela, a forma dela agir foi gritante, as mudanças nela. Além disso, o medo, medo da doença (M10).*

*E eu acho que no começo ela ficou até com medo, porque ficava assim de olhar o jornal é coisa. Aquelas imagens assustavam muito assim, aí foi dito para ela não olhar. Então o que eu falava para ela, os outros também falavam para ela (M13).*

Essas manifestações emocionais aumentam principalmente quando se tem um familiar e/ou amigo da família infectado, ou até mesmo a morte de uma pessoa próxima como os avós (Duan et al., 2020). Uma pesquisa realizada por Folino, Álvaro, Massarani e Chagas (2021) que objetivou compreender a percepção de crianças cariocas sobre o SARS-CoV-2, a COVID-19 e os vírus em geral, identificou que um dos maiores medos das crianças era infectar os pais e avós e posteriormente eles morrerem. Um estudo realizado por Saurabh e Ranjan (2020) identificou que as crianças entendiam que pessoas adultas ou idosas possuíam maior possibilidade de contrair o vírus, adoecerem e morrerem. Além disso, as crianças podem ter absorvido um clima de incertezas, devido a um contexto catastrófico na economia o que gerou o desemprego de muitas famílias. Ademais, outro fator a ser considerado e que pode ter desencadeado medo nas crianças é o fato de os pais temerem não suprir as necessidades básicas da família e as crianças estarem expostas a isso.

No que tange a tristeza e/ou angústia, esses sentimentos foram relatados pelos pais, principalmente em função do distanciamento social, das incertezas da volta às aulas e a impossibilidade, pelo menos temporariamente, de não poder brincar e interagir com os amigos. As falas das mães M06, M11 e M15 exemplificam essa manifestação emocional: *“Então não vou dizer uma tristeza, mas uma leve, de ficar um pouquinho triste, encolhido e não poder fazer as coisas, né?” (M06). “Sim, tristeza, uma um abatimento né, na verdade, ficou-se muito tempo sem brincar com outra criança (M11).”*

*Tristeza, amm... Tristeza, ela chorava, teve um momento que ela chorava, principalmente por estar fazendo as atividades comigo, né? e aí ela sentia muita saudades dos colegas, muita saudade da escola e nós morávamos perto da escola e ela via a escola e chorava, teve várias crises de choro, né, tristeza (M15).*

Esse sentimento é manifestado em decorrência de situações de perda, separação e mudanças drásticas. A criança pode se sentir prejudicada e acreditar que isso não vai acabar tão cedo (Rodrigues, 2015). Diante disso, é importante que a família explique em uma linguagem compreensível a idade da criança o que está acontecendo no mundo, pois a fala dos pais possui influência positiva ou negativa e está relacionado a forma como que a criança se posicionará diante de situações desafiantes (Nogueira, 2017). Da mesma maneira, é fundamental que em situações como essa, de perdas, os pais validem as emoções das crianças. Isso significa não julgar, demonstrar empatia e conversar sobre o que o(a) filho(a) está sentindo naquele momento.

A ansiedade infantil esteve relacionada diretamente com a ansiedade parental. Alguns pais relatam que devido a instabilidade emocional e financeira da família, foram afetados pelo medo, dificuldades para dormir ou realizar quaisquer atividades. Ao mesmo tempo, foram percebendo essas mesmas dificuldades nas crianças *“A ansiedade. Tá eu percebi a ansiedade, porque, muito por minha causa, eu estava ansiosa pela pandemia.(M02)”. Então eu acho que são esses três principais sentimentos: tristeza, medo e essa ansiedade, né? Um pouco por causa de mim (M15).”*

Isso pode ser justificado devido aos pais serem modelos de comportamentos e de significados na vida dos filhos. Um estudo realizado por Nascimento (2001) revela que já existem relações entre a ansiedade dos pais e as respostas da ansiedade dos filhos e também considerando a diferença de gênero e faixa etária. Ou seja, pode ser mais fácil e

aceitável socialmente as meninas expressarem seus sentimentos de ansiedade em resposta à ansiedade dos pais comparado aos meninos.

A raiva foi uma das manifestações emocionais mais difíceis de manejar para os pais, visto que, tinham que trabalhar naquele momento em *home office* e os filhos pareciam ter dificuldade de entender essa nova rotina. A fala da mãe M01 retrata a dificuldade que tinha de conciliar trabalho e cuidados com a criança. Já a fala do P01 relaciona o sentimento de raiva com a dificuldade de aceitação de limites da criança: *“Então, junto com tudo isso a gente ficou muito em casa, principalmente nos primeiros meses, sem sair ele tava muito irritadiço, com quadros de explosão de raiva, ansiedade, dificuldades em ouvir não e dificuldades em aceitar limites.” (P1)*

*ah.. ela já tinha um pouco de se estourar, de ficar com raiva e isso começou a ficar mais frequente, e realmente a gente estava mais em casa, ela ficava mais dependente de querer brincar junto, e eu não podia, tinha que trabalhar, e a gente tinha que ficar fazendo as coisas das atividades. E isso era ainda mais difícil, né? (M01)*

Uma pesquisa realizada por Álvaro, Folino, Massarani e Chagas (2021) com o objetivo de refletir sobre a percepção de crianças sobre a pandemia e os vírus em geral, verificou que apesar de algumas crianças não manifestarem abertamente a raiva, através da irritabilidade, inquietude, angústia, dentre outras formas, manifestavam através dos desenhos. No presente estudo, pode-se analisar que os pais relacionaram a raiva ao uso de telas, onde os filhos passavam o tempo assistindo séries ou jogos violentos.

*“E jogos assim, agressivos, talvez isso tenha relação com a forma de gritar, de se expressar brava, revoltada, né? A gente falava uma coisa e vinha um monte de grito.. e a gente, não... né calma.. e isso foi uma coisa né?(M10)”*

Existem poucos estudos nacionais que relacionam as emoções e os jogos. Um estudo realizado por Coelho e Tolocka (2010) com o objetivo de investigar manifestações emocionais básicas (medo, alegria, raiva, nojo, tristeza e surpresa) de 25 crianças entre 7 e 10 anos de idade vivenciadas num contexto natural de jogos de arremesso, identificou sentimentos internalizantes e externalizantes nas crianças quando jogavam. As principais emoções foram alegria, surpresa, raiva, desprezo e medo. Nesse caso, em específico outras emoções importantes foram manifestadas. A agressividade aparecia em momentos de dificuldade nas habilidades motoras.

A saudade também foi manifestada verbalmente pelas crianças devido estarem distante de seus pares, da escola, dos professores e da sua rotina. A maioria das crianças, no primeiro momento da pandemia demonstrou estar contente por considerar o fechamento das escolas como férias. Contudo, ao passar os dias a reação emocional foi modificando. Isso pode ser observado nas falas dos pais abaixo: “...*muita saudades dos colegas, muita saudade da escola e nós morávamos perto da escola e ela via a escola e chorava, teve várias crises de choro, né, tristeza (M15)*”.

*No início tudo certo, ela gostou, só depois ela dizia que queria ir para a escola hoje, e eu dizia que não dava, que se desse tudo certo logo voltava as aulas, então ela manifestou isso, sentimentos de querer voltar a aula, de dizer que tava com saudade dos colegas, de querer brincar (M07).*

Da mesma forma que a saudade, a agitação também foi mencionada pelos pais como uma maneira da criança manifestar a falta dos pares. “*Então essa agitação, eu acho que era uma forma dela se expressar. Que ela tava se sentindo sozinha (M18)*”. “*Mais agitação, ela até foi muito agitada, assim, mas percebi que ela ficou mais, acho até pelo fato dela não ter contato muito com outras crianças, diminuiu o contato (M13).*”

A socialização na infância é fundamental para o desenvolvimento do afeto e da empatia. E a escola desempenha um papel importante no desempenho social. Nesse sentido, é importante destacar que estes sentimentos estão relacionados com uma mudança drástica de rotina. Isso porque as crianças passavam grande parte do tempo nas escolas, com seus pares e diante do fechamento, o cuidado das crianças, que antes era compartilhado com uma rede de apoio, e incluía o contexto escolar, ficou exclusivamente sob os cuidados parentais (Iglesia, 2021).

Destaca-se ainda a importância dos pais nomearem, validarem e auxiliarem os filhos a identificarem as suas emoções, sejam elas positivas ou negativas. Essa capacidade que a criança desenvolve com a ajuda de seus cuidadores é fundamental para que possa enfrentar situações desafiantes e prazerosas. Tudo isso influencia no desenvolvimento de um adulto saudável, que consiga compreender e se expressar bem emocionalmente (Souza, Ferreira & Souza, 2021). Com a volta às aulas, esses impactos vêm sendo minimizados, porém mesmo assim alguns pais relatam que essas manifestações emocionais precisam ser ou estão sendo trabalhadas em psicoterapia.

### **Considerações finais**

Pode-se perceber que a pandemia da COVID-19 desencadeou importantes manifestações emocionais nas crianças, durante o período de distanciamento social. Os principais impactos emocionais estão relacionados a forma como as crianças enfrentaram a tristeza, ansiedade, raiva, angústia, saudade, agitação, euforia, preocupação, apreensão e inquietação. O estudo também indicou que as formas de manifestação emocional foram diferentes a depender do gênero. Enquanto as meninas manifestavam o que sentiam de forma mais internalizante, por exemplo, retraíam-se diante de eventos que as deixavam tristes, os meninos utilizavam de manifestações externalizantes como a raiva para indicar que não estavam satisfeitos com algumas normas e situações impostas pela pandemia.

Embora as aulas tenham retomado a modalidade presencial de ensino, os pais ainda percebem impactos significativos em função do período de distanciamento social, os principais deles referem-se ao medo do(a) filho(a) se contaminar com o vírus. Além disso, um dos desafios parentais nesse período foi conciliar trabalho e rotina de estudos dos filhos. Por vezes, os pais relataram que sentiam-se tristes ou culpados por não conseguir validar as emoções dos filhos. Outro dado importante foi que grande parte das crianças do estudo estão em atendimento psicológico para minimizar os impactos emocionais negativos do isolamento social.

Dentre as limitações do estudo tem-se o número da amostra, o recorte temporal e o local da pesquisa, visto que o estudo foi aplicado em apenas uma cidade na região central do estado do Rio Grande do Sul. Sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas ao longo do tempo com a finalidade de identificar se essas manifestações emocionais possam vir a afetar ou não outras fases do desenvolvimento, como da adolescência ou da vida adulta.

### **Referências**

Almeida, P. R. de. A., Luz, C. B. S., Jung, H. S., & Fossati, S. (2021). Relaciones en el ambiente escolar post-pandémico: Enfrentamientos de regreso a clases presenciales. *Revista Actualidades en Educación*, 21(3), 1-27. doi: 10.15517/aie.v21i3.46287

- Alvaro, M., Folino, C., Massarani, L., & Chagas, C. (2021). “A máscara salva”: representações sociais da pandemia de covid-19 por meio dos desenhos de crianças cariocas. *Saúde e Sociedade*, 30, e210328. doi:10.1590/S0104-12902021210328
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- Cevallos-Robalino, D., Reyes-Morales, N., & Rubio-Neira, M. (2021). Evolución e impacto de la infodemia en la población infantil en tiempos de COVID-19. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 45, e38. doi: 10.26633/RPSP.2021.38
- Coelho, V. A. C., & Tolocka, R. E. (2010). Manifestações emocionais vivenciadas em jogos de arremesso. *Motriz. Journal of Physical Education. UNESP*, 69-77. Recuperado de: doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p69
- Duan, L., Shao, X., Wang, Y., Huang, Y., Miao, J., Yang, X., & Zhu, G. (2020). An investigation of mental health status of children and adolescents in china during the outbreak of COVID-19. *Journal of Affective disorders*, 275, 112-118. doi:10.1016/j.jad.2020.06.029
- Ezpeleta, L., Navarro, J. P., Nosa, N. de. La., Trepel, S., & Penelo, E. (2020). Life Conditions during COVID-19 Lockdown and Mental Health in Spanish. Adolescents. *Jornal Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública*, 17(9), 1-13. doi:10.3390/ijerph17197327
- Filho, O. C. da. S., Minayo, M. C. de. S., & Huremović, D. (2020). Psychiatry of Pandemics: A Mental Health Response to Infection Outbreak. Gewerbestrasse: Springer Nature. *Ciência coletiva*, 25(1), 1-2. doi: 10.1590/1413-81232020256.1.11272020
- Folino, C. H., Alvaro, M. V., Massarani, L., & Chagas, C. (2021). A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. *Cadernos de Saúde Pública*, 37, e00304320. doi: 10.1590/0102-311X00304320
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (Vol. 4, p. 175). São Paulo: Atlas.
- Haguette, T. M. F. (2013). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes.

- Iglesia, R. Y. (2021). Parentalidade e Desenvolvimento Infantil em tempos de Pandemia: Parenting and Child Development in Times of Pandemic. *Filosofia E Educação*, 12(3). doi: 10.20396/rfe.v12i3.8661983
- Malloy-Diniz, L. F., Costa, D. de S., Loureiro, F., Moreira, L., Silveira, B. K. S., Sadi, H. de M., Apolinário-Souza, T., Alvim-Soares, A., Nicolato, R., Paula, J. J. de, Miranda, D., Pinheiro, M. I. C., Cruz, R. M., & Silva, A. G. (2020). Saúde mental na pandemia de Covid-19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento. *Debates Em Psiquiatria*, 10(2), 46–68. doi: 10.25118/2236-918X-10-2-6
- Nascimento, C. R. R. (2001). Relações entre a resposta de ansiedade de pais e mães e a resposta de ansiedade de seus filhos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 18, 17-28. doi: 10.1590/S0103-166X2001000200002
- Nogueira, P. D. P. (2017). *A vivência da parentalidade em famílias nucleares e monoparentais beneficiárias de Rendimento Social de Inserção (RSI)*. (Doctoral dissertation, Universidade Portucalense (Portugal). Recuperado de: <https://www.proquest.com/openview/3e6de59ebfeb91125cc6708d06f2c12f/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Peixoto, D., Leal, B., Ribeiro, D., Correia, L., Hipólito, E., & Rocha, P. (2021). Impact of Confinement on the Health of Children and Adolescents During the COVID-19 Pandemic. *Acta Médica Portuguesa*, 34(4), 317-317. Recuperado de: <https://actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/viewFile/15885/6286>
- Ribeiro, J., de Souza, F. N., & Lobão, C. (2018). Saturação da análise na investigação qualitativa: quando parar de recolher dados?. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6(10), 3-8. Recuperado de: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/213>
- Rodrigues, J. V. dos S., & Lins, A. C. A. de A. (2020). Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. *Research, Society and Development*, 9(8), 1-10 doi:10.33448/rsd-v9i8.6533

- Rodrigues, M. (2015). *Educação emocional positiva: saber lidar com as emoções é uma importante lição*, Novo Hamburgo: Sinopse.
- Senhoras, E. M. (2021). O campo de poder das vacinas na pandemia da COVID-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 6(18), 110–121. Recuperado de: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/400>
- Saurabh, K., & Ranjan, S. (2020). Compliance and Psychological Impact of Quarantine in Children and Adolescents due to Covid-19 Pandemic. *The Indian Journal of Pediatrics*, 87 (7), 532-536. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12098-020-03347-3>
- Senhoras, E. M. (2021). O campo de poder das vacinas na pandemia da COVID-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 6(18), 110–121. Recuperado de: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/400>
- Souza, J. B., Ferreira, J. C., & de Souza, J. C. P. (2021). A importância da validação das emoções das crianças. *Research, Society and Development*, 10(10), e479101018940-e479101018940. Recuperado de: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18940>
- Villachan-Lyra, P., de Queiroz, E. F. F., de Moura, R. B., & Gil, M. D. O. G. (2019). *Entendendo o desenvolvimento infantil: Contribuições das neurociências e o papel das relações afetivas para pais e educadores*. Appris Editora e Livraria Eireli-ME.
- Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *Elsevier Public Health Emergency Collection*, 395, 945–947. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7124694/>